

'A HUMILHAÇÃO CÔSMICA É MAIOR QUE A SOCIAL'

O escritor Assis Brasil (foto) acaba de reunir, num só volume, mais um ciclo dos seus romances, publicados anteriormente. Trata-se de "O Ciclo do Terror", de que fazem parte: OS QUE BEBEM COMO OS CÃES, O APRENDIZADO DA MORTE, DEUS O SOL SHAKESPEARE, OS CROCODILOS, todos premiados em concursos nacionais. Anteriormente, também num só volume, ele publicara a "Teatralogia Piauiense", com que presta significativa homenagem, humana e estética, à sua cidade natal, Parnaíba. Tido no seu Estado como escritor arredo é meio sobre "o mandacaru", como disse José Cândido de Carvalho, para acrescentar que ele é o mais compreensivo dos homens. Assis Brasil está de fato aberto para um papo amigável ou sério sobre sua vida e a vida dos livros e da cultura que são a sua paixão. Aqui ele fala com exclusividade para INOVAÇÃO, sobre sua infância, sobre seus livros, sobre a vida literária e cultural em geral. Sempre de modo simples e objetivo. O Piauí é o foco e o centro, ainda, de suas preocupações humanas e literárias. A entrevista, podemos dizer, piauiense, foi concedida a Francisco Fontenele de Carvalho, nosso correspondente no Rio de Janeiro.



ÓRGÃO DO MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO

INOVAÇÃO

Ano VII - No. 50

Preço: Cr\$ 300

Parnaíba, (PI.) 31 de outubro de 1984

Os melhores
e os piores
professores
da universidade

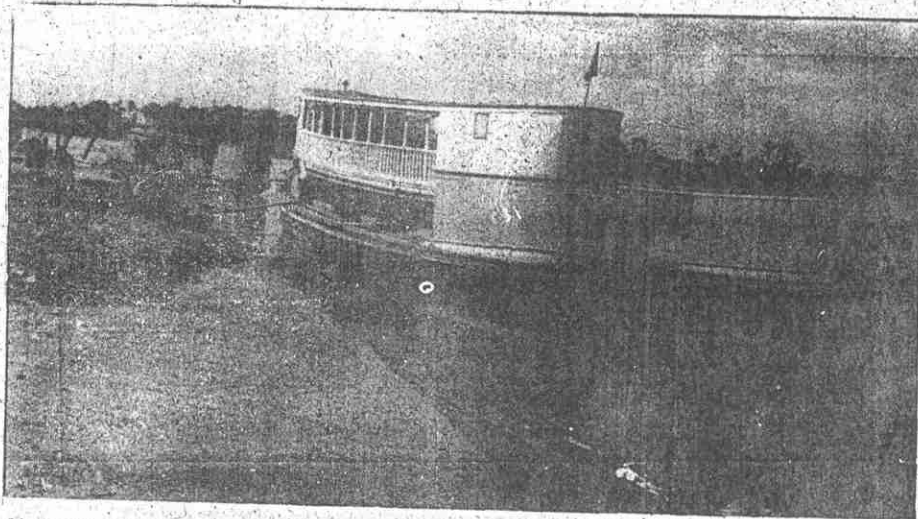
PÁGINA 7

CORREIOS

Está em vias de ser entregue à Polícia Federal a segunda fase do inquérito administrativo efetuado pelos Correios constatando a violação de correspondência na agência de Parnaíba. O mais implicado é o funcionário Antônio Freire do Nascimento que, segundo se comenta, estimulado pela crise econômica se meteu na de abrir 100 cartas aproximadamente, a procura de dinheiro. Esta prática vinha ocorrendo já há bastante tempo. Afastado do emprego, Freire poderá pagar pena na prisão por ter infringido de um preceito constitucional.

Mas não é só isso de anormal que está acontecendo para os lados dos Correios. Além da crítica carência de funcionários há uma crescente apatia administrativa em relação a distribuição de atividades dentro da agência comprometendo a boa imagem dos serviços postais e telegráficos em nossa cidade e que os Correios difundem no nosso País.

CANTA PARNAIBA



Como se poderá ouvir a música alegre do nosso rio, se hoje ele agoniza?
Outrora, a natureza o fez feliz...

PoeMitos

Sensível a nossa história e aos nossos costumes, Elmar Carvalho, a partir deste número, preenche o espaço reservado aqueles que, como ele, sempre souberam elevar os valores humanos preservando o respeito e a solidariedade humana. Figuras populares de nossa cidade surgem nos PoeMitos do poeta inovador.



Opinião

Karelno Márcio, cadeira cativa no coração dos que fazem INOVAÇÃO, opina sobre sucessão presidencial e revanchismo, comparando a sucessão presidencial brasileira com a argentina, onde Alfonsín vive um momento delicado.

Expediente

INOVAÇÃO
Um jornal sem cronista social
DIRETOR-RESPONSÁVEL
Reginaldo Costa

EDITORIA
Equipe Inovação
ARTE
Francélio Hardi
Flávia

COLABORADORES
Karlino Márcio, Sólina Genuína, Fernando Holanda, Horlando Araújo, Batista Teles, José Fideles, Murilo Castro, Wilton Porto, Cândido Athayde, Juares Júnior, Diderot Mavignier, Danilo Melo, Meireles P. Neto.

CORRESPONDENTES:
TERESINA

José Elmar de Melo Carvalho
Ana Maria Rodrigues

BRASÍLIA

Cândida Sampaio
Jonas Filho Fontenele de Carvalho
José Porfírio F. de Carvalho
Cícero Vêras

FORTALEZA

Fátima Régia Ribeiro de Araújo
José da Guia Marques
Heloísa Gurgel

RIO DE JANEIRO

Francisco Fontenele de Carvalho

TIRAGEM
1.000 exemplares

CARTAS
Caixa Postal 156
64.200 - Parnaíba/PI

INOVAÇÃO foi fundado por Francisco José S. Ribeiro e R. Costa. Está registrado em Cartório e seus Estatutos publicados no Diário Oficial do Piauí. CGC 06.859.607/0001-08. Insc. Estadual 19.077.587-4. As matérias assinadas não representam, necessariamente, a opinião do jornal.

PENSE PARNAUTO

REVENDEDOR
AUTORIZADO



Av. Princesa Isabel, 150
PARNAÍBA PIAUÍ

A Palavra do Leitor

JOSÉ WILTON DE MAGALHÃES
PORTO
Parnaíba - PI

Nos números 48 e 49 do Jornal INOVAÇÃO, tivemos uma entrevista feita por Elmar Carvalho ao Alcenor Candeira, ambos poetas. Elmar, um dos colaboradores assíduos deste jornal; Alcenor, uma figura tida como intelectual da cidade. Sobre essa entrevista é que eu gostaria de tecer alguns comentários, principalmente porque sou um leitor assíduo do jornal a quem admiro, além de ser um dos colaboradores.

O que o mundo gasta por quinquena em armamentos, é mais ou menos o mesmo gasto que daria para oferecer: alimento, água, educação, saúde e moradia para todo o mundo durante um ano.

Sabemos que os problemas do Brasil estão na falta de um governo de respaldo popular, na má distribuição de renda, na agrária descomprometida com o homem do campo, com a falta de escrúpulos de governantes que pensam nele mesmos, na educação que é "bancária"; somos educados de maneira alienante, ou seja, não devemos refletir sobre nossa realidade, não devemos conhecer nossa história real.

Alcenor Candeira, como bom pro-

fessor que é, como literato conhecedor de nossa realidade... é Elmar Carvalho da mesma forma em termos de conhecimentos, deveriam ter nos oferecido uma mensagem mais viva, mais povo. O que vimos foi uma entrevista pessoal, onde deixa transparecer que o entrevistador estava mais preocupado em enaltecer o entrevistado (o que houve recíproca) do que mostrar a realidade literária-cultural-política-social-econômica que se esperava. Isto porque o jornal tem uma linha que não é "água com açúcar".

Estamos numa época de abertura onde as metáforas já não são tão importantes. A poesia tem que ser um instrumento de libertação. E quem precisa de libertação é o oprimido, aquele que não tem condição de comprar livros caros e jornais que nada dizem. Tem-se que ser "ou quente ou frio", contudo devemos ser quentes.

Diz o Alcenor: "Só faz poesia quem realmente é poeta". Eu digo: só faz poesia quem dá de si para uma sociedade justa, igualitária e amorosa... usando como instrumento o verso, e como matéria-prima, a sensibilidade.

Chega de poesia elitista! Chega de agradar a crítica! Chega de jogar confetes naqueles que são feitos pelos meios de comunicação e não pelos que têm desempenhado um papel histórico na sociedade.

Cartas e Intercâmbio

CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Esperamos que vocês vençam barreiras e que o jornal INOVAÇÃO tenha muito sucesso. Vocês vão receber o Boletim "VAIVEM" normalmente, pois ficamos felizes quando vocês recebem nosso boletim, pois ele é rico em informações.

Equipe do CEM
São Paulo/SP

RESPOSTA: O CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS mantém o Boletim "VAIVEM" que estuda o problema das migrações no Brasil, divulga dados, notícias e denuncia as injustiças a que são submetidos os trabalhadores migrantes na cidade e no campo. O endereço do CEM é: Caixa Postal 42.756 - São Paulo - Cep: 04.299

FUNDAÇÃO PEDROSA HORTA

Comunicamos a inscrição do jornal INOVAÇÃO como assinantes do jornal e da revista do PMDB. Estas divulgações são elaboradas pelo Instituto Pedrosa Horta.

Milton Seligman
Diretor-Secretário
Brasília/DF

Nos. 48 e 49

Recebemos o número 49 do jornal INOVAÇÃO. O jornal está muito bom na forma e no conteúdo. Considero um empreendimento político da maior importância. Continuamos na luta pelas Diretas-Já e pelo boicote ao Colégio Eleitoral, órgão espúrio e ilegítimo que só favorece aos que querem fazer o acordo das elites. Somos radicalmente contra o MALUF que é o golpe de 64 com juros e correção monetária, também nos opomos ao menos ruim Tancredo e Frente Liberal. Queremos o muito bom para o nosso povo.

Geníno Neto
Deputado Federal - PT
Brasília/DF

ENTREVISTA ALCENOR

A entrevista do Alcenor Candeira caracteriza muito bem um dos tipos de intelectual enquadrado na chamada "ESQUERDA FESTIVA", isto é, para fazer tipo se enclausura nos chavões em voga, deixa cátedra por todos os lados e nada diz, pois a cada palavra teria que ser respaldada em um mínimo de ação. Pergunto: quantas vezes ele esteve em praça pública apoiando o movimento pró-Teatro? Quantas vezes ele esteve apoiando o INOVAÇÃO para que o jornal não deixasse de circular? Melhor seria se afirmasse na entrevista que infelizmente sempre esteve ausente das maiores lutas e reivindicações do povo parnaibano. Não é a toa que ele tem um poema chamado EU.

Francisco F. de Carvalho
Rio de Janeiro/RJ

É para mim um prazer e uma honra participar do trabalho de vocês do INOVAÇÃO. Ser útil é sempre bom e principalmente, quando esta ação está voltada para um trabalho edificante como é o jornal de vocês.

Mansueto Serejo Cárdozo
Natal/RN

É com alegria que escrevo congratulando-me pelo trabalho jornalístico sadio e construtivo que desempenham em prol de nossa comunidade.

Raimundo N. de Moraes Souza
Brasília/DF

Este novo trabalho, feito em off-set, ficou maravilhoso. De parabéns Parnaíba e o povo parnaibano.

Cícero Vêras
Brasília/DF

O CAMINHO É A DEMOCRACIA

Luciano Barreira

Desde que o golpe militar de 64 interrompeu o processo democrático no Brasil, muitos caminhos foram tentados, visando a derrota dos que, rasgando a Constituição e implantando o arbítrio, levaram nossa Pátria a uma noite na qual dominou a ilegalidade e o crime.

Hoje, está claro, a recondução do país ao primado da lei e da legalidade constitucional, é sem dúvida o caminho da democracia que é a maior aspiração da imensa maioria da nação, humilhada na sua dignidade, levada a uma situação de servilismo face aos banqueiros internacionais, com seu generoso povo tendo quase perdidas as últimas esperanças. Desde que, sob a pressão da sociedade, o regime militar começou a ceder espaço à luta democrática, não se viu o povo brasileiro erguer-se numa grande inequívoca manifestação em prol de mudanças realmente profundas. Isso aconteceu quando ganhou cidades e campos a campanha das diretas já em todos os quadrantes do solo brasileiro. E o povo voltou a ter fé, voltou a ter em que acreditar.

O sistema dominante, cada vez mais, tentou toda a sorte de casuísmos, numa tentativa desesperada de manter-se no poder. Na crista desses casuísmos, surgiu a eleição indireta para Presidente, via colégio eleitoral. Ninguém jamais, exceto os continuístas, defendeu a legitimidade de tal processo, à margem do qual ficou a imensa maioria do nosso povo, agora representada por pouco mais de 600 delegados eleitores. Mas os democratas brasileiros, face a realidade, teriam que enfrentar a fera no próprio terreno que ela escolhera.

Um homem, o governador de Minas Gerais, o experiente político Tancredo Neves, aceitou o desafio, pois era preciso enfrentar o inimigo. De início foi uma grita dos diabos. Setores do PMDB, o PDT e sobretudo o PT, decretaram o boicote ao colégio eleitoral. Ocorreu porém, que a evidência de uma realidade extremamente palpável mostrou que, seria o "colégio" ou seria o impasse e o impasse não interessava senão aqueles que queriam o continuísmo. As águas que haviam se desviado do leito principal do rio da oposição, passada a borrasca, pouco a pouco foram voltando à calha principal. O "só diretas", o PDT e agora uma grande fatia do PDS, já batizada de "Frente Liberal", eram agora água da mesma corrente. E embora novos plurídios tenham surgido com a candidatura Sarney à vice-presidência, todos excetuando-se o PT mais ortodoxo, acomodaram-se no seio da mais ampla Frente Democrática, de que se teve notícia na nossa história.

Hoje, parece claro a todos, só não os continuístas e equívocos, que a tarefa fundamental é a vitória de Tancredo Neves e Sarney no colégio eleitoral, em que pesem as restrições ao mesmo.

O governo, que teve o infortúnio de impingir o mais impopular dos candidatos, geme ao peso de Maluf - candidato contra o país inteiro. Mas o governo não só geme, também já se lamenta amargamente e até, por porta-vozes políticos, não só reconhece a impopularidade do candidato, como insinua que a saída seria a retirada do candidato em benefício de outra candidatura, capaz de ao menos se locomover pelo país... o que nessa altura, seria sem dúvida um novo e paradoxal casuísmo.

Mas do lado das oposições também existem problemas. Entre eles se destaca o chamado preconceito contra os chamados "setores mais ideológicos" da "frente". Mas o jogo divisionista, na certa de inspiração palaciana, ao que tudo indica, não encontrou terreno fértil para suas maquinações, que no fundo, são continuístas e consequentemente "malufistas".

Claro, ninguém é obrigado a ser comunista. Afinal a Frente Democrática, na sua heterogênea composição, tem que comportar muitos matizes e no seu seio, é necessário que todos aprendam a conviver com a democracia.

Finalizando, para refrescar a memória dos mais velhos e abrir os olhos dos jovens, é bom lembrar que foi às custas do anti-comunismo zoológico que Hitler, Mussofíni, Franco, Salazar e outros arautos do fascismo, nutriram as entranhas das mais brutais ditaduras que cobriram de sangue e vergonha a Humanidade.

(*) Luciano Barreira, jornalista e escritor cearense, ex-vereador de Fortaleza, cassado em 1964, a partir deste número colabora com Inovação.

ENTREVISTA

Assis Brasil

A humilhação cósmica é maior que a social

Por Fco. Fontenele Carvalho

NOVAÇÃO - Como foi a vida do filho de dona Rosa e de seu Milton, nos 12 anos que viveu em Parnaíba?

● **ASSIS BRASIL** - Eu era um menino muito solto, meio largado; embora tivesse apanhado várias vezes por causa disso. Gostava de tomar banho no rio Parnaíba, sempre escondido e com alguns "moleques", como sublinhavam alguns preconceituosos. A certa altura eu tinha uma bicicleta, o que me facilitou andar pelos subúrbios pobres da cidade, tomando os primeiros contatos com a miséria humana. Quando me entendi, meu pai tinha uma quitanda. Depois ele cresceu um pouco e abriu um bar na praça da Graça.

NOVAÇÃO - Se não me engano este bar aparece em alguns dos seus romances?

● **ASSIS BRASIL** - Aparece. Ali se jogava bilhar e eu admirava, em especial, um craque neste jogo. Depois meu pai abriu uma fábrica de gelo, no cais. A fábrica ele tinha comprado no Rio e montado sozinho, com caldeira a vapor. Mas não tinha para quem vender uma tonelada de gelo e passou a fazer picolé, e acho que foi aí que começou a sua decadência comercial, embora o pioneirismo do empreendimento. A fábrica ele ainda tentou reativá-la em Fortaleza, pra onde nos mudamos em 1943. Outro fracasso. A família sofria com isso. Meu pai acabou sem nada em Manaus. Ele teve tudo pra ser um grande empresário. Mas voltando ao cais velho de Parnaíba, foi ali que conheci Luiza, a prostituta velha do meu romance BEIRA RIO BEIRA VIDA. Acho que foi ali que se formou o estofado do escritor. A mulher ia lá em casa, de vez em quando, pedir ajuda e minha mãe sempre a ajudava. As vezes eu ia levar alguma coisa pra ela e via o barraco miserável em que vivia. Dostoiévsky dizia que o escritor tinha que sofrer. Eu acrescento: sofrer ou observar e sentir o sofrimento do seu semelhante. Um dia vi na TV uma escritora grã-fina dizer que isso era bobagem: o curioso é que sua literatura, feita em viagens de lazer num iate não é nada, não alcança o humano, o profundo da coisa, fica só no entrecho, na peripécia do entrecho, como matéria de jornal. A criação literária é outra coisa. E digo mais: não é só o sofrimento social que conta para o escritor ou artista, mas a humilhação cósmica, a angústia metafísica. O homem se sente humilhado e ofendido por falta de um conhecimento mais profundo das coisas, do Mistério que, para mim, é uma categoria da Realidade que não precisa, necessariamente, ser vendida. Aqui é onde entra o artista com a sua intuição e aprende e sente o Mis-

tério por outras vias que não nos passeios de iate ou jogando golfe.

NOVAÇÃO - Quem mais o marcou em Parnaíba, em relação a tipos humanos?

● **ASSIS BRASIL** - Conheci mais três mulheres de vida patética. Eram parentes de minha mãe, nossas tias velhas. Foi na casa delas que recebi a primeira bofetada, sofri o primeiro trauma em relação à miséria social. A Luiza do cais tinha ficado algo envolta na paisagem do rio e dos navios-gaiolas: ela só iria doer em mim muito mais tarde. As tias velhas, não. Elas eram pobres e solteironas. As suas vidas foram tão violentadas, tão patéticas, que jamais conseguí escrever sobre elas, mas, sem dúvida, elas são uma espécie de barro original de onde tenho tirado, com o sopro da criação, outros personagens sofridos. Por que nunca contei a vida delas tal e qual aconteceu? Não sei. Talvez por serem a chave do meu aprendizado de vida e do meu ímpeto de registrar algo sobre a condição humana. Uma delas era mãe solteira, o que é outro sortilégio nordestino. A outra, velha - quando a conheci tinha setenta anos - ainda esperava pelo noivo que tinha ido a Amazônia, quando moço. A filha da solteirona também ficou solteirona e com a história de um noivado meio escandaloso. No meu romance, A FILHA DO MEIO QUILO, me aproximo um pouco da história delas, mas o livro é menos patético do que a realidade. Bem velhas, as três viviam em função desses dramas pessoais e "escondidos", nunca revelados inteiramente, só uns pedaços. Fui sabendo de tudo aos poucos, por parte de minha mãe, que as ajudava, como ajudava a velha Luiza. A tia Cândida me contava histórias e penteava seus longos cabelos, ainda negros. A tia Izídia era meio sensível e às vezes mexia com um copo emborcado numa mesa, formando palavras através de letras dispostas em círculos. Lembro-me de que ela não olhava para onde o copo ia, e tremia muito, mas as palavras eram formadas em coerência. O que me marcou: as duas velhas esperavam ainda pelos noivos. Mantinham uma espécie de nostalgia da volta. Em meus livros há muito isso: a espera, a volta. A filha de uma delas era quem sustentava a casa, com um emprego nos Correios. Mas como o País é o mesmo, o salário dela foi diminuindo com o custo de vida. Lembro-me de que minha mãe vivia reclamando das coisas caras, subindo todos os dias. Então aquelas três mulheres patéticas, de repente, já não tinham quase o que comer. Eu ainda não prestava atenção à sua miséria social e humana porque era um menino e

CAFÉ JOTAMELLO

estava mais interessado nas histórias que me contavam. Um dia, por acaso, cheguei na casa delas na hora do almoço e fui entrando até a cozinha. Elas ficaram nervosas e esconderam seus pratos, para que eu não visse o que estavam comendo: batata cozida, arroz. O jantar eu já sabia que era café preto com pão. Mas o complemento dessa paisagem doméstica me chocou. A gente também jantava café com leite e pão, e até pensava que fosse normal. Mas nós almoçávamos direitinho. O fato é que eu tinha descoberto algo, conhecido um pouco mais da vida, algo daquele choque - mal comparado - que Buda sentiu quando saiu do seu palácio de príncipe e descobriu a miséria e a pobreza.

INOVAÇÃO - Segundo se comenta em Parnaíba, seriam reais todos os seus personagens da sua TETRALOGIA PIAUIENSE?

● **ASSIS BRASIL** - Todos são reais a partir daquele barro original. Sei que muitos colocaram a carapuça na cabeça quando leram meus romances. Alguns nem leram e se acharam insultados por ouvir falar.

INOVAÇÃO - Os romances da Tetralogia teriam também a função de tornar públicas as mazelas de uma sociedade dita exemplar, mas que na verdade apenas jogava a sujeira debaixo do tapete?

● **ASSIS BRASIL** - Ninguém escreve pensando objetivamente nessas coisas, mas se retratamos um meio social, as mazelas vêm à tona. Às vezes, como no caso de um personagem meu do pacamão, ele tem uma dimensão muito melhor do que teve na realidade. Eu me impressionei, também, em Parnaíba, com um primo que estudava na Escola Militar do Rio. Quando chegava na cidade, com aquelas lindas fardas e espadim de lado, e desfilar na praça da Graça, a cidade parava e as mulheres enlouqueciam. É claro que ele era outro "embrião" de futuros personagens meus. Sei que ele ficou chocada quando leu - se é que leu - o romance. Por que? Talvez porque apareça como um bêbado. É que só olhou para este detalhe, e não para a dimensão humana daquele, fazendo-o crescer como um ser sensível.

INOVAÇÃO - Por que Assis Brasil nunca voltou a Parnaíba? A sua ausência nunca foi entendida pelo pessoal, principalmente agora que você é nome de Fundação e pertence à Academia Parnaibana de Letras.

● **ASSIS BRASIL** - Acho que nunca voltei porque, primeiro, a minha família saiu toda de lá. Segundo, vim muito moço para o Rio, logo que terminei o Científico em Fortaleza. Aqui o começo foi duro, eu sozinho, enfrentando tudo. Eu sofri todas as violências da cidade grande, e o que me salvou, espiritual e fisicamente, foi a literatura. Engraçado, não é? Num País como este onde não se dá valor à arte. Fui uma vez ver minha família em Manaus, quando meu pai estava por lá com uma plantação de juta. . . Durante a primeira década de

vida no Rio, não poderia pensar em voltar pra lugar algum. Comecei a trabalhar no comércio - minha mãe me ajudava um pouco. Uma certa época, já no segundo emprego (1957), trabalhando como Correspondente nas Casas Pernambucanas, eu fazia diariamente, a seguinte maratona: passava o dia todo trabalhando em São Cristóvão, saía às seis da tarde correndo pra ir jantar no restaurante do estudante, no centro da cidade, e dali pegava um bonde pro Largo do Machado pra tomar um lotação que me levaria à Gávea, onde fazia o curso de jornalismo na PUC. Sempre perdia a primeira aula.

INOVAÇÃO - O que foi o Prêmio Walmap e o que representou em sua carreira?

● **ASSIS BRASIL** - O Walmap foi um concurso literário lançado pelo Banco Nacional. Em 1964 eles lançaram o primeiro. De vez em quando algumas empresas têm essas veleidades de supostamente ajudar a cultura. O mesmo está acontecendo agora com a Nestlé. Eles pensam que vão se promover e se enganam. Prestígio? Não sei se isso lhes interessa. A área da cultura é muito restrita no Brasil, só um grupinho. Em que uma multinacional sairá beneficiada? Quando eles descobrem que estão num "mundo" diferente, desistem. Mas o Walmap foi importante pra mim, como trabalho, como esperança. Ganhei dois, o primeiro (Beira Rio Beira Vida) e o último (Os Que Bebem Como os Cães). Pra tirar as cópias para o primeiro, tive que largar um emprego pra isso. Embora de vez em quando machucado, sempre enfrentei o Rio sem medo. Acreditava mais em mim. Pra sair de um emprego que me desgostava, botava o boné e ia embora. O que me facilitava - digo isso aos jovens escritores - era que eu tinha um suporte cultural bom, sabia escrever e me valorizava. Ler, estudar, é fundamental. Com crise ou sem crise, quem tem uma cultura se sai melhor, mesmo um curso profissionalizante, um diploma sério. Estudei muito sozinho aqui no Rio, ainda hoje, com as minhas pesquisas, estudo muito. Isso dá um lastro a você, e você pode até escolher o emprego que quer e se impor.

INOVAÇÃO - Alguns acham o seu estilo definido numa mistura de Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa e Machado de Assis. Com qual destes escritores mais se identifica?

● **ASSIS BRASIL** - Gosto muito do Graciliano Ramos. Na verdade li essa gente muito cedo. Acho que fui o primeiro crítico a escrever sobre o Grande Sertão: Veredas, que foi recebido com espanto e desconfiança. O Machado de Assis é também um grande escritor. De vez em quando aparece alguém dizendo que ele é alienado. É aquela coisa do "sarampo" ideológico. Além de romancista foi um excelente crítico literário, um teórico. Nos romances retratou a burguesia brasileira em formação, após aquele pseudo-aristocracismo do tempo dos escravos. Na

verdade não sei definir quem me influenciou. O único escritor que tentei imitar foi o José de Alencar, mas eu era um menino. Mais importante do que a influência direta, de um ou de dois escritores, é a tradição, o que você encontra já feito, e a literatura brasileira tem uma tradição muito "nova", muito recente. Balzac tinha atrás dele dois mil anos de cultura.

INOVAÇÃO - Você sempre quis ser escritor ou tudo nasceu do jornalismo?

● **ASSIS BRASIL** - Antes de ser jornalista profissional já era escritor. Tinha escrito um romance aos dezesseis anos e já fazia crônicas para a imprensa em Fortaleza. O curso de jornalismo foi para me dar uma profissão mais estável. O fato curioso: embora eu tenha feito de tudo no jornalismo, da reportagem de rua ao editorial, sempre trabalhei, mesmo no jornal, em função da literatura, pois ia sempre publicando meus artigos e críticas, e ganhando dinheiro com isso, o que ainda hoje é de espantar. No Jornal do Brasil, por exemplo, passei cinco anos só fazendo críticas literárias e traduções (1956/61).

INOVAÇÃO - Um jornalista faria um bom livro?

● **ASSIS BRASIL** - Toda vez que se fala em jornalista e literatura, a gente pensa logo no Hemingway. Ele disse que aprendeu muito no jornal, mas fazia uma observação: o escritor pode fazer a aprender muita coisa numa redação, e pode fazer uma boa literatura, desde que se livre do jornalismo a tempo. Muitos dos nossos escritores não puderam se livrar. . .

INOVAÇÃO - Você já trabalhou no "O Cruzeiro" e seu romance BEIRA RIO BEIRA VIDA saiu por lá. Não acha que por ser jornalista foi mais fácil chegar à condição de escritor conhecido?

● **ASSIS BRASIL** - Não foi. O escritor que consegue fazer carreira paralela com o jornalismo cria um certo atrito com os colegas - todos com veleidades literárias - que não publicam livros. Toda vez que eu publicava um livro e o mostrava para os colegas, havia um certo ressentimento no ar, um clima de frustração por parte deles. É que eu estava conseguindo me realizar como escritor e eles não. Então ser jornalista não ajudou a ser escritor em termos de promoção ou coisa parecida. É certo, no entanto, que algum conhecimento da área dos meios de informação ajuda um pouco, mas você tem que cavar, ainda hoje, uma promoçãozinha do seu livro, pois os editores, todos pequenos, não têm condições de investir em publicidade.

INOVAÇÃO - Atualizando um pronunciamento seu, indagamos: ainda é indigente a nossa literatura?

● **ASSIS BRASIL** - Quem disse isso foi o Antônio Cândido, que era uma literatura calcada em duas ou três literaturas européias. Acho que temos uma boa literatura e que já nos livramos de certas modas estrangeiras. Mas isso não é importante, mesmo se você se influencia pela técnica dos grandes escritores. O homem é um só, e essa besteira de Nação, de Bandeira, de Hino, de Fronteira, é pura bobagem. Machado de Assis é um escritor Universal, identificado com o ser humano. Isso é que é importante. Isso é que é importante, a situação, por meio do artista, dos grandes temas universais. Dostoiévski é um escritor "nordestino" dos mais legítimos: aquele clima pesado, de destino marcado, de sortilégio, de saga e miséria humana e metafísica, está bem vivo lá no nosso interior geográfico e mental, e so-



Caixa Forte
- a sua caderneta de poupança
está mais perto de você

cial. Machado de Assis, há pouco traduzido na Inglaterra, foi comparado a Dickens. **INOVAÇÃO** - Como convivem o romancista e o crítico?

● **ASSIS BRASIL** - Convivem bem, pois atuam no mesmo plano de criação. A crítica literária é também criativa, pois, o crítico faz um trabalho de literatura e "reescreve" a obra para apreciá-la melhor. Quanto a ter sido eu criticado duramente, isso já aconteceu. Eu aprendo com a crítica contra: vejo claramente a dimensão do crítico, se é inteligente ou burro. Se leva a sério o seu ofício ou se é um dileitante. Quanto a alguns autores criticados por mim - nada pessoal, sempre crítica em cima dos livros - a maioria compreendeu e aceitou, mas ainda hoje tem gente me perseguindo por causa da crítica que fiz há mais de 20 anos. Também perdi alguns empregos por causa das minhas críticas. Mas nunca fiz ataque pessoal.

INOVAÇÃO - Você só considera literatura de criação a ficção e a poesia?

● **ASSIS BRASIL** - Não. Como já disse, a crítica e o ensaio são também criativos, porque você acaba por recriar a obra ao nível da leitura crítica e sensível. No meu **DICIONÁRIO PRÁTICO DE LITERATURA BRASILEIRA** muita gente torceu o nariz porque coloquei os memorialistas, os sociólogos ou aqueles políticos com veleidades poéticas, como o caso do Rui Barbosa, do José Bonifácio, do José do Patrocínio, do Joaquim Nabuco. Todos com cargos políticos e posição social relevante, o que eles queriam ser mesmo era escritores. . . É a tal veleidade, cujo bastão foi passado para os jornalistas de hoje. Não coloquei o Euclides da Cunha no dicionário porque ele não é um romancista. **INOVAÇÃO** - Falando em político, o que acha do Senador José Sarney ser imortal?

● **ASSIS BRASIL** - Não acho nada. Ele é um escritor menor, mas isso não interessa à Academia, onde também abriga grandes escritores como João Cabral de Melo Neto, Humberto Sales, Adonias Filho, José Cândido de Carvalho. A Academia, no fundo, funciona como um negócio meio político. Se você está na crise da onda, por alguma razão - se é do governo, principalmente - se você tem alguma coisa a oferecer aos acadêmicos, tudo bem. Vejo só: o Eduardo Portela, o José Guilherme Mesquior e o José Sarney - uma mistura explosiva do bom e do ruim - entraram porque estavam no governo. Agora tem também lá o Lira Tavares, que foi daquela Junta que substituiu o Costa e Silva. Ele é autor de um livro sobre canhões. . . canhões de galinha, não, canhões, armas, de que o Brasil se orgulha de ser o sexto exportador do mundo. Então o Brasil é assim. Se você escrever um livro sobre bandidos, vira um "especialista". Toda vez que fogem presos de nossas prisões - isso acontece toda hora - chamam o José Louzeiro para falar sobre os bandidos: O curioso é que ele nunca foi assaltado. Outro dia vi na TV um "especialista" em estratégia militar. Veja só o País não tem comida para os trabalhadores e as crianças, e tem este tipo de profissional (?).

INOVAÇÃO - Os best-sellers estrangeiros, que encham nossas livrarias, são literatura?

● **ASSIS BRASIL** - Os franceses cunharam a expressão "paraliteratura" para este tipo de mercadoria, incluindo aqui o romance policial, de ficção científica e a novela de TV. O termo criado, foi para evi-

tar o depreciativo sublitteratura. O best-seller que nos Estados Unidos é feito por equipe, é livro apenas por acidente, pelo feito, por contar uma história, por ser vendido em livrarias. Mas para o americano é um produto industrial como outro qualquer, como a coca-cola. O negócio é ganhar dinheiro em cima de qualquer coisa e a literatura e a arte são usadas nesse bolo econômico do capitalismo selvagem. Tanto é que a "mercadoria" best-seller é sempre substituída por outro best-seller, assim como o vitrinista substitui a camisa que já não vende por uma nova. Esse é o jogo que faz alguns escritores legítimos, na esteira dos best-sellers, se tornarem conhecidos. Mas é difícil você se impor, logo de saída, como um escritor sério lá na América.

INOVAÇÃO - Com seus livros paradidáticos e da linha infanto-juvenil, não estaria se afastando do romance para adultos?

● **ASSIS BRASIL** - Não. Sempre estou a escrever estes gêneros paralelamente. No ano passado escrevi um romance novo, do meu novo ciclo, o "Quarteto de Copacabana" e também escrevi um ensaio, longo, sobre a obra de João Cabral.

INOVAÇÃO - Você está com Aluísio de Azevedo, que disse que o escritor caminha ao clarão efêmero de um relâmpago, com um segundo de deslumbramento e meses de escuridão?

● **ASSIS BRASIL** - Não, eu acho outra coisa. Isso aí deve ter acontecido com o Aluísio Azevedo porque, a certa altura de sua carreira literária, ele preferiu ir ganhar dinheiro e usufruir das mordomias do Itamarati. Largou a literatura pra lá, mas hoje só é lembrado como escritor e não como diplomata. Eu acho que há um propósito em tudo o que você faz. Para o escritor há uma tendência, sem dúvida, uma vocação, se você quiser. Essa realidade nossa é aparente e o artista é quem a resolve para tirar significados mais profundos. Há alguns que se cansam ou desistem porque, verdadeiramente, não foram tocados. Veja o caso de Chagal: tem 97 anos e pinta todos os dias. O artista tem uma "visão sacramental da realidade", como disse Huxley quando tomou a mesalina. A arte tem o mesmo efeito do tóxico, de iniciação, de contemplação, de meditação, de iluminação, de identidade com a Divindade, seja ela lá o que for. Há meios místicos e químicos para se chegar a isso, e a arte é um meio natural e mais legítimo. João Guimarães Rosa, que não acreditava no Deus cristão, achava que o sentido da sua vida era a sua obra, com a qual se apresentaria no dia do Juízo Final.

INOVAÇÃO - Você é então religioso?

● **ASSIS BRASIL** - Sou, mas não tenho uma religião. As religiões, de modo geral, pregam as "maravilhas" da morte, do outro mundo, quando a vida é que é importante e Divina. Há um sentido de divindade em cada ser vivo que você observa: cada vida tem um propósito. "Aceite a vida em sua forma pura e natural e floresça em sua plenitude", disse aquele incrível indiano, Bhagwan Shree Rajneesh. As religiões declaram guerra contra o sexo, por exemplo, daí advindo a repressão social e familiar, e, pela reação ao contrário, a permissividade e a luxúria. "No momento do coito estamos perto de Deus", disse ainda Rajneesh. Nietzsche, que era cientista e poeta; já tinha dito que a religião tentara matar o sexo por envenenamento. Mas ele não tinha morrido e continuava vivo e cheio de veneno.

INOVAÇÃO - Qual a sua maior queixa da vida de escritor?

● **ASSIS BRASIL** - Minhas maiores alegrias foram motivadas pela literatura. Não tenho queixas. Enfim, estamos no Brasil. No caso do livro, para vendê-lo, você tem que romper todo tipo de barreira: editor, vendedor, livreiro, distribuidor. . . Pode parecer um paradoxo, mas sempre digo: a maior barreira para a venda do livro é a livraria. No Brasil, é claro. Alguns editores estão saindo pra vender diretamente nos colégios. Os livreiros não gostam, mas eles são culpados disso. Eu tenho um livro que vende zero nas livrarias e 20 mil nos colégios num semestre. Um dia desses, um escritor jovem me perguntou o que faria pra vender o seu primeiro romance. Eu lhe respondi: você mata a sua mãe e se suicida em seguida. Ou pula do Corcovado com o livro na mão, para ter publicidade. É que vender livro no Brasil é um milagre renovado a cada instante. Às vezes, ou de vez em quando, acontece. O curioso é que os ditos profissionais do livro não sabem o porque do milagre. **INOVAÇÃO** - Você estava trabalhando na "Tribuna da Imprensa" no período de maior repressão política pós-64. Como foi a coisa?

● **ASSIS BRASIL** - Estava no jornal e na Escola de Comunicação (UFRJ) dando aula sobre Técnica de Jornal e usando os jornais do dia como matéria-prima. Eram dois focos: Dops, Censura, soldados armados na redação e na Escola. Qualquer editorial mais forte do jornal, o Hélio Fernandes era logo preso. Havia um clima de terror na redação. Muitos costumavam fugir por um "caminho" no telhado, que ia sair na outra rua, no "Correio da Manhã". Ali também a barra era pesada.

INOVAÇÃO - Você chegou a ser molestado?

● **ASSIS BRASIL** - Não diretamente.

INOVAÇÃO - Voltamos à nossa paróquia: que acha de jornais como Inovação, de Parnaíba?

● **ASSIS BRASIL** - É um bom jornal. Tem uma linha combativa, sem medo dos medalhões. Sei que é difícil, financeiramente, fazer um jornal assim. Até os grandes jornalistas se queixam de problemas financeiros. É importante, no entanto, que continuem. Ou que mudem de nome. . . Há uma técnica de marketing muito curiosa: a concorrência de si mesmo, na mesma empresa. Mal comparando, a concorrência da coca-cola com a fanta, da mesma empresa. É o jogo dúbio, no mundo escuro da sobrevivência comercial.

INOVAÇÃO - Você prefaciou um livro de poesia de poetas novos do Piauí. O que achou deles?

● **ASSIS BRASIL** - Achei bom e me surpreendeu a atualização estética e o sentido social. Embora façam uma "literatura invisível", porque não chega nos grandes centros, eles estão atualizados.

INOVAÇÃO - Gastaria de falar alguma coisa mais para os piauienses?

● **ASSIS BRASIL** - Sim. Gosto de ser piauiense. Parnaíba continua viva em mim, pois dentro você sempre conserva o menino que foi. Meus romances são a exteriorização desse amor. Nos meus livros de história literária sempre destaquei o Piauí. Sou um escritor brasileiro e do Piauí. Embora de família modesta, tive uma infância feliz e livre às margens do rio Parnaíba. Espero sempre receber notícias de lá e estou à disposição dos que me procurarem.

JULGAMENTO



SELENE VILLASSANISE ALBERISA
São Paulo — SP

Li a entrevista "A Sobrevivência de uma Prostituta" (INOVAÇÃO No. 47) e como faço sempre com tudo que leio, passei, analisar e tentar perceber, nas entrelinhas, o que não está explícito, o teor não declarado mas vivo e palpante, tanto ou mais do que o que está grafado.

Pra mim ficou incompleto o artigo, talvez fosse bom até terem soltado um Suplemento onde realmente o tema prostituição pudesse ser abordado com todas as variáveis sócio-econômicas que lhe são inerentes e determinantes.

Ali, na entrevista ficou apenas um esboço desse oprimido social — a prostituta — e não foi colocado de forma clara o quanto a sociedade em que vivemos e da forma como se encontra estruturada, com uma falsa moral, seus valores onde predominam dois pesos e duas medidas, é responsável pela existência de vidas como a desta menina — Regina — que vocês entrevistaram.

Achei em algumas perguntas uma carga muito grande de preconceito, e não percebi qual o sentido real, ou a intenção existente em algumas delas. Num momento da entrevista, quando é perguntado "o que é prostituição", e imediatamente, o que ela "acha da mulher virgem", acabou de estabelecer um paralelo, e surge então, nas entrelinhas, o famigerado fantasma cultural do Bem e do Mal. E aí eu me pergunto o que essa menina não sentiu ao se colocar na figura do mal, quando diz: "Eu sinto inveja. Quando eu era virgem... sei lá. Era tão bom..."

Mas adiante Reginaldo usa o termo "decisão" — "essa decisão de você entrar na vida..." — Talvez tenha sido apenas uma escorregada, mas é preciso ter muito cuidado com as palavras, uma vez que a língua de um país pode ser tão tirana e opressora, e servir como mantenedora de um sistema sócio-econômico tanto quanto qualquer outro instrumento. E, no instante em que uso o termo "decisão", ele imediatamente exime de qualquer responsabilidade a sociedade, uma vez que a vida que Regina leva passa para as pessoas e pra ela mesma como sendo uma opção sua. E aí eu me pergunto: a qual dos oprimidos, nós, burgueses e consumistas, damos o direito de escolha? Ou ainda mais: damos não, respeitamos o direito de escolha? A nenhum.

Numa parte da entrevista pergunta-se se ela "gostou de alguém". Achei uma pergunta oportuna, pois é bom que se mostre às "senhoras de família" que a prostituta é uma mulher com sentimentos iguais a qualquer uma delas e não a famigerada criatura, fria e calculista, que descaminha maridos e filhos alheios.

Lá na frente, novo escorregão na questão do bem e do mal. Analisemos: "o que é o amor", ou o que define a palavra "amor" em nossa cultura? A suprema expressão do bem. Ou seja, o que leva uma vida de amor, é bom. E aquele que não vive uma vida de amor está se contrapondo ao bem logo ele é mau. Quando perguntam pra Regina se "existe amor" e ela responde que sim, e logo em seguida joga pra ela "a vida que você leva é amor?" e aí ela diz que não, o que percebemos é mais uma vez a sociedade a dizer para as Reginas da Vida: "olha, vocês é que são ruins. Nós da sociedade é que somos bons. Vocês são marginais porque são maus e merecem." É a velha história do joio e do trigo. De um mau gosto sem nar.

Não acredito que o Reginaldo tivesse consciência do quanto estava sendo porta-voz dos preconceitos sociais, mas é bom que se faça uma reflexão em cima das idéias que lançamos, ainda mais quando veiculadas para muitas pessoas.

Mais adiante surge a violência física no seu estágio mais avançado, o opressor batendo no

oprimido para sabê-lo mais oprimido, a necessidade de afirmação como dominador diante da presa indefesa. E como é terrível ouvir de Regina o estigma que marca a mulher desde épocas ancestrais: "O homem sempre tem mais força que a mulher".

E olha que Regina não deve nem tem noção da extensão do que disse. É, Regina, o homem sempre é mais forte que a mulher, não porque esta seja fraca, mas porque a cultura deu a um o que negou à outra, ou seja, a oportunidade que testar sua capacidade e seu potencial como ser humano diante da vida. E com isso eu quero dizer que a amostragem física é apenas a exteriorização do que existe no inconsciente, tão somente o reflexo palpável da deformação psicológica e emocional a que estamos sujeitos em decorrência de uma educação repressora e alienante. No caso em questão, o que esse homem diz com seu gesto brutal é: eu como homem tenho o DIREITO, e você como mulher tem o DEVER.

Mas existe um outro ponto nesta mesma questão, que é a grande culpa que advém do prazer, e isto também é ancestral em nossa cultura. Regina acha que o homem que a maltrada o faz por ela não ceder a tudo que ele quer. Mas não creio que seja só isso. Existe o que nós do campo da psicologia usamos chamar de "mecanismo de defesa do ego", e que serve para proteger nossa estrutura psicológica e emocional. E há também o ego ideal — o que gostaríamos de ser; e o ego real — aquilo que somos. Isto tudo acrescido de uma outra estrutura que denominamos superego, e é representada pelas sanções sociais que introjetamos. E aí está a grande questão. Aquele homem, que bate na mulher antes, durante ou após o prazer, o faz por sentir que ela é o agente capaz de desencadear nele um dos lados de sua personalidade abominado social e religiosamente. Essa mulher acorda um potencial que há neste homem para o prazer, e todo o prazer é proibido, quanto mais em se tratando de obtê-lo numa "casa de perdição", com uma mulher da vida". Do prazer para a culpa, é só um passo, e aí é que entra o mecanismo de defesa do ego: É preciso acusar alguém por esse prazer sentido, e desta forma eximir-se da culpa. E na medida em que há um acusado, é preciso haver uma punição e em consequência surge a agressão física. É aquela história tão nossa conhecida: culpa, o lado escuro do prazer.

É muito triste quando Regina diz que quando foi trabalhar como doméstica "já não era mais nada". Puxa, dá vontade de sair correndo e dizer a todas as Reginas: moças, acordem e sacudam a poeira, que ela recaiu sobre vocês não por opção, mas por falta de oportunidades iguais para todas as pessoas. E dizer também, que o que a gente avalia antes de adquirir é mercadoria, não gente. Outra coisa, que ser amável e confiável não está relacionado em gênero e grau, na razão, inversa ao fato de se ser uma prostituta. Além do mais, se ser virgem é sinônimo de ser honesta, então pobre das mulheres que se casam, pois mesmo com véu e grinalda passam a ser desonestas depois, não é mesmo?

RESPOSTA:

Selene, sua carta foi uma festa. Até agora só havíamos recebido elogios. Estávamos até estranhando. Você tirou nossa invencibilidade. Afinal, ninguém é invencível. Sobre a entrevista, não houve má fé. Sua contribuição humana, inteligente e sincera sempre será bem vinda.

R. Costa

FARMÁCIA IRACEMA
Francisco de Assis Cajubá de Brito & Cia. Ltda.
Matriz
Pça. Cel. Jonas, 871
Tel.: 322.1862
Filiais
1 - R. Humberto de Campos, 442
Tel.: 322.1863
2 - R. Dr. Fco. Correia, 684
Tel.: 322.1689
3 - R. Alm. Gervásio Sampaio, 827
4 - Av. Princesa Izabel, 1050
Tel.: 322.1844
Parnaíba — Piauí

É mais fácil
viver com ele

Ditador da Moda
GERARDO ALVES DE ARAÚJO
E CIA' Ltda
Rua Marechal Deodoro, 822

DELTA

LEITE
MANTEIGA
DOCE DE LEITE



Cooperativa Agropecuária
de Parnaíba Ltda. BR 343 — Km 4

Droga Ari

Medicamentos Novos
ABERTA DIARIAMENTE ATÉ ÀS
22 Hs.
Tel.: 322.3023
Parnaíba — Piauí

praia

Sem Brahma, não dá!



BRAHMA

CANTA PARNAIBA

Por S. Genuína

Vida universitária

OS MELHORES E OS PIORES PROFESSORES DA UNIVERSIDADE

O Diretório Acadêmico "3 de Março" em assembléia realizada dia 9 passado, no pátio do Campus, divulgou resultado da pesquisa promovida pela entidade, no seio da classe universitária para avaliar alguns dos principais problemas do Campus Ministro Reis Velloso.

Constatou-se que, 77% do alunado não concorda com a recente contratação de professores; 77% não acredita que tais contratações sejam a título de "prestação de serviço", conforme esclarecimento da reitoria; 87% não aceita a permanência dos contratados sem que haja concurso e, para reivindicar melhoria do ensino 70% concorda com a realização de greve, o que acontecerá pela primeira vez em Parnaíba. Na questão elaborada sobre o computador 87% acha que por "comodismo da direção" do Campus o equipamento ainda não está em pleno funcionamento.

Segundo o acadêmico José Rômulo, atual presidente do Diretório "o objetivo do questionário é procurar conhecer com profundidade, os problemas mais sérios do nosso Campus". Disse ainda, José Rômulo que reivindicará à Reitoria "curso de aperfeiçoamento para os professores desprovidos de didática e conhecimento indispensáveis para um bom aprendizado".

Entre as perguntas do questionário uma dirigiu-se ao próprio Diretório e outra à Direção do Campus. No conceito universitário, Direção e Diretório estão atuando de forma "regular".

A maioria das questões ficou por conta da preocupação com o corpo docente. 53% por exemplo, acha que uma das causas principais do ensino deficitário venha do fato de grande parte dos professores terem a universidade como "bico". A pedido do Diretório cada estudante entrevistado anotou os nomes de três professores bons e outros três ruins em didática e conhecimentos. Veja as preferências. De parabéns, os bem-amados.

MELHORES

ORDEM	NOME	PONTOS
01	Mac Doubles	59
02	Alcenor Candeira	44
03	Adilson	36
04	Onofre Filho	32
05	Jaime Filho	28
06	Cajubá de Brito	23
07	Socorro-Pessoa	23
08	Rinaldo Pinto	22
09	Renato Santos	22
10	Benedito Raimundo	17

PIORES

ORDEM	NOME	PONTOS
01	Rosana Tribuzzi	40
02	Assis Costa	36
03	Francisco Filho	33
04	Mariano	25
05	Noé	21
06	Anchieta Mendes	19
07	Antonio Thomaz	19
08	Apurari*	16
09	Leônidas Melo	15
10	Carlos Teixeira	13



Santa Rosa, o Parnaíba se bifurca para desaguar no mar, formando o seu riquíssimo delta.

E porque não proceder a curto prazo esta dragagem, se existe um órgão governamental específico para cuidar das vias navegáveis dos rios? Cabe alertar autoridades da importância do rio para o Estado e para a cidade.

A navegabilidade do rio é ponto primordial para comunicação, principalmente, pelo povo ribeirinho e sem opção de boas estradas. O transporte de mercadorias entre, por exemplo, a cidade de Parnaíba e Tutóia, ou Barreirinha, ou Cana-Brava, etc, é quase todo feito através do rio. Com dificuldade a lancha consegue unir estes lugares, com um comércio de pequeno porte, é claro, mas substancial para aqueles povoados.

Além do mais, existe o problema ambiental. As chuvas, o clima e a vegetação dependem de uma existência harmoniosa com o rio. É a música ecológica da lei da criação. É desta interdependência que o homem se beneficia, tirando proveito para sua própria existência.

Em vista do exposto, para nós é importante que o rio viva, a fim de tirar dele a nossa subsistência. A história nos conta a total dependência do homem primitivo para com o rio. Ele temia a floresta escura e desconhecida. O rio lhe oferecia os alimentos básicos para o seu corpo além do próprio recreio de vaguear ao seu longo. Hoje, diante de um pseudo-progresso, o homem quer esquecer a realidade de sua ligação com o rio, só que as consequências estão aí, desastrosas: o rio perdendo a sua força, a sua musicalidade. É tempo de agir, é tempo de tentar um ato coerente para com o nosso

rio, é tempo de fazer as pazes com a natureza e mostrar a importância do rio. É tempo de gritar: canta Parnaíba a música harmônica do teu Criador!

Como se poderá ouvir a música alegre do nosso rio, se hoje ele agoniza? Outrora, a natureza o fez feliz descendo encosta, a cantar toda a beleza vegetal de suas margens, desde a Chapada das Mangabeiras até o litoral, contornando as fronteiras do Piauí e Maranhão.

Onde se encontra a melodia contagiante da correnteza que, ao vento outonal juntava-se ao farfalhar das árvores ribeirinhas? A ação destruidora das queimadas vai gradativamente, acabando com toda a potencialidade das riquezas naturais. As coroas de areia provocadas pelas cheias, crescem a cada ano, empobrecendo o rio e dificultando a sua navegabilidade.

O que se pode falar a respeito de sua pesca, se os pescadores ao jogarem as redes ao largo trazem quanto muito, umas poucas piabinhas que alimentarão a família numerosa? Sim, os peixes morreram ou fugiram do rio e o homem indiferente no tempo à natureza do rio, deixa escorrer para o seu curso, produtos químicos e esgostos poluentes que danificam as vidas ali existentes, contribuindo assim, para a diminuição do seu leito, ignorante do mau que faz a si próprio.

O nosso Igarapé de águas avermelhadas está sem a sua antiga beleza. É lamentável assistirmos a sua morte. A cada inverno diminui. A cada cheia aumentam os sedimentos que o rio já sem forças para jogar no mar, aglomera ao longo de seu percurso, acabando com o canal e estreitando o volume d'água. E o rio caudaloso de antes, já não canta ao poeta a música mística da sua criação. O Igarapé no seu triste dilema, percorre ainda o leito como um desafio de doente apoplético e com dificuldade de correr, consegue a duras penas, encontrar-se com o mar.

Antes, havia o sistema de drenagem. Constantemente, máquinas faziam a limpeza do rio. Havia preocupação por parte dos governantes. Os tempos mudaram - é verdade, mas será que a consequência do progresso é, obrigatoriamente, a destruição da natureza? E, o que será do homem sem a dadivosa natureza?

Diz o ditado popular: "o que não tem remédio, arremediado está". A salvação do rio entre outras providências a serem tomadas, está exatamente, na volta do sistema de dragagem. A limpeza, a retirada das coroas de areia do rio, representa o acerto de conta para a sobrevivência do rio. Virão novas indústrias, o crescimento físico da cidade é consequência lógica do progresso. Mas, que este progresso seja ordenado, que aconteça para o bem comum da sociedade e não apenas, para um pequeno grupo que usufrui diretamente, os lucros empresariais.

Portanto, a situação de nosso rio não está ainda, totalmente sem remédio. Talvez fosse melhor que o Distrito Industrial se localizasse na zona baixa da cidade, num local próximo à embocadura. Isto porque o rio não sofreria tão duramente a poluição provocada pelos detritos químicos - sobras industriais, que, necessariamente, são lá jogados. Porém, não vem totalmente ao caso este problema, urge sim, que proceda uma limpeza no leito do rio, particularmente; no Igarapé, o qual, juntamente com o

SORREGÍ MODAS

Indústria e Comércio

FARDAS - BATAS - CALÇAS
MACACÕES - CALÇÕES - BLUSAS
PINTURA EM TECIDO

Estilista próprio

Av. Presidente Getúlio Vargas, 217

Parnaíba - Piauí

DEPÓSITO DE MADEIRA

Táboas de andiroba - portas lisas e almofadadas - compensados - madeirite.

R. Cel. José Narciso, 1208

Fones: 322.1854

322.1844

Parnaíba - Piauí

ROTARY CLUB DE PARNAÍBA



PENSANDO EM VOCÊ

Humberto de Campos e sua Parnaíba

Por Cândido de Almeida Athayde



Ao passar pela Rua Humberto de Campos observa-se a casa onde o mesmo viveu com sua mãe e as irmãs durante sua juventude. É verdade que o prédio está modificado tendo ao lado onde outrora era o quintal que o menino de Miritiba brincava com seus pássaros e plantava as árvores o edifício onde se instala uma agência de passagem de ônibus interestadual. Felizmente, no fundo do quintal ainda existe o cajueiro famoso, onde Humberto subia nos seus galhos e ensaiava suas cantorias assimiladas no folclore parnaibano.

Com tudo isso pouco revelado à mocidade estudiosa de Parnaíba a figura de Humberto de Campos vai ficando esquecida da mesma maneira que esquecidos estão os muitos fatos históricos que a cidade de Parnaíba abrigou no correr de sua história, tão rica de acontecimentos, influenciados pela ação cultural, oriunda da Europa, a qual pela posição geográfica da cidade era sua vizinha.

Humberto de Campos viveu em Parnaíba durante grande parte de sua juventude e de acordo com suas memórias, recebeu dessa vivência a marca do pensamento que lhe acompanharia por toda sua vida na poesia, no jornalismo... nos quais foi mestre incontestado. É claro que tendo recebido como lastro de sua formação os costumes, os encantos e também as tristezas levou-os durante sua vida imprimindo em sua obra a constante lembrança da sua vivência - dos amigos da sua professora dona Maroca Lima, dos primos e por fim de todo aquele "status social" que a Parnaíba ostentava.

Cantando a juventude em seus poemas, sua obra através dos tempos, Humberto de Campos bem merecia um zelo mais afuante, e mais constante dos parnaibanos. A sua casa que está ainda de pé com uma placa comemorativa está de fisionomia desfigurada, tirando aquele encanto das coisas antigas e tradicionais. Por sua vez, o velho cajueiro que protegido por uma pequena praça vive no mais doloroso esquecimento. A existência do cajueiro, tão decantado nos meios literários do Brasil, o qual tão poucas vezes recebe visitas de viajantes curiosos pelo seu porte, não merece a atenção dos professores da cidade que poderia aproveitá-lo para, nas suas lições, recordarem um homem que tanto brilhou na literatura e na poesia brasileira elevando, sem dúvida, o nome da Parnaíba que lhe serviu de abrigo durante a sua juventude.

EXPRESSO DE LUXO

Transportes e Turismo

CONFORTO — SEGURANÇA
RAPIDEZ

Irmãos Paula Joca S/A
Rua Princesa Isabel, 244
Fortaleza — Ceará

PoeMitos de Parnaíba

Por Elmar Carvalho



ALAIN DELON

Situava-se entre o feio e o horrível mas se dizia BG: bonito e gostoso. Metido a conquistador de mulheres conseguia o inverso inffeito: as mulheres - lebres assustadas - de Alain Delon fugiam. Se Alain Delon muito fosse Alain Delonge-seria.



DEROCY

Derocy, Ofélia da Parnaíba, não era um orador oral: era um orador boçal em seus discursos bestialógicos, ilógicos, escatológicos. Tirava do sério o homem sério quando disparava seus disparates.

SUCESSÃO PRESIDENCIAL E REVANCHISMO

Por Karleno Márcio

"Não é revanchismo, não, mas acho que a primeira medida de Tancredo, eleito Presidente, é pegar todos esses generais metidos em políticas e convocá-los pro serviço militar obrigatório".
Millôr Fernandes

Faço parte de milhões de brasileiros que vivem porque existem, isto é, sem qualquer expectativa ante a miséria, a violência e a injustiça social. Somos uma nação de explorados por uma minoria de espertalhões corruptos, incompetentes e irresponsáveis que vivem sob a guarda militar do regime.

São estes homens - se é que são seres humanos - que há vinte anos oferecem às empresas multinacionais nossas riquezas; que usam os meios de comunicação como veículo de alienação; que expulsam os pequenos agricultores de suas terras em prol dos interesses latifundiários; que fazem a morte de milhões de crianças golpeadas pela pobreza antes de nascer; que forçaram os índios a trocarem a sociedade igualitária em que viviam por uma sociedade fria, individualista e consumista; que fazem a "raça negra viver discriminadamente na sua grande maioria no submundo das favelas; que geraram marginais, fome, devastação da natureza, desempregados e subempregados; que aplicaram erroneamente o dinheiro público em projetos faraônicos; que através da repressão política fizeram desaparecer milhares de brasileiros.

Falar de desaparecidos é lembrar do que acontece com a Argentina, onde 30 mil pessoas desapareceram nos porões da ditadura militar. Hoje o presidente Alfonsín vive um momento delicado, espremido entre as pressões do FMI (para aceitar um tratamento de conflito na combalida economia de seu país) e os problemas dos desaparecidos. Quanto a este último sabemos que o dirigente argentino está tentando resolver da melhor maneira possível. O que não pode ocorrer é silenciar ou deixar os responsáveis se safarem como está para acontecer aqui no Brasil, já que, neste momento, da sucessão presidencial, em que Maluf e Tancredo lutam pelos votos do povo representado pelo Colégio Eleitoral (nossa país é uma minoria quem decide, vive e goza de direitos plenos e nenhuma obrigação), não querem se comprometer por motivos de ambos terem em suas fileiras partidárias esses tipos de monstros-destruidores da Nação. Mas devemos não só cobrar, como obrigar a um posicionamento claro, do nosso futuro presidente, diante dos casos de roubo e crimes impunes.

Seria uma argentinização à brasileira, espécie de revanchismo que os militares temem. Mas por que eles temem? Será se fizeram algo de errado durante esses 20 anos de poder? Afinal o que queremos é justiça. Ou justiça é um instrumento dos fortes para ser usado quando lhes convém? Aquêles que têm a consciência tranquila de que nada fizeram "podem ficar à vontade", mas os culpados devem ser julgados por seus erros. Ignorar isto, como querem os militares (caso contrário eles não ficarão "comportadinhos" diante da transição), é cair na eterna maldição de país sem moral e sem escrúpulos.